



AAUS

Associação de Alunos da Universidade Sénior
VILA FRANCA DE XIRA

VÁ AO

TEATRO D. MARIA II

“Montanha-Russa”

Um musical sobre a adolescência para todo o público.



Montanha-Russa é um espetáculo da dupla Miguel Fragata e Inês Barahona, à qual se junta a dupla Hélder Gonçalves e Manuela Azevedo. Um espetáculo em que o teatro e a música disputam o palco, desafiando as convenções do "teatro musical", como quem desafia as leis da gravidade num *loop*.

Montanha-Russa mergulha vertiginosamente na adolescência. Retira-a do lugar dos lugares-comuns e procura aproximá-la da dimensão da intimidade. Uma dimensão secreta, privada, interior, mas que vive no desejo de ganhar um palco onde se possa exhibir.



Montanha-Russa é o diário deixado em cima da mesa, o diário destilado nas redes sociais, ou o diário perigosamente transportado para o liceu: uma intimidade a gritar "leiam-me!", uma geração a querer fazer-se ouvir, ao som da música.

Data do espetáculo: 15 março 2018 (quinta-feira) - Preço: € 10,00

Hora de partida: 19,30 H Limite de inscrições: 51

Data limite das inscrições: 07 março 2018

NOTA: Os Associados podem levar acompanhantes não Associados.

"Montanha-Russa"

Extrato de um Jornal Diário

Uma "montanha-russa" para responder à pergunta "quem sou eu?" estreia-se em Lisboa.

As tentativas de responder à pergunta "Quem sou eu?" são um dos eixos da peça "Montanha-russa", centrada nos problemas dos adolescentes que se estreia a 09 de março, na sala Garrett, no Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa.

Da autoria de Inês Barahona e Miguel Fragata, a peça é um musical sobre a adolescência destinado a todo o público, que mergulha na dimensão mais secreta e privada dos adolescentes e na luta destes pela descoberta de quem são.

Uma montanha-russa - a Ciclone -- estacionada na Alemanha é o cenário da peça construída com base nos problemas dos adolescentes e na sua busca diária de uma identidade em construção.

Com música ao vivo dos Clã, "Montanha-russa" retrata a vivência e as preocupações de quatro adolescentes no seu percurso, sem deixar de retratar os picos de euforia e de depressão da adolescência.

Nesta fase da vida, em que se vai "do topo do mundo ao lugar mais profundo", como diz a "Canção da primeira vez", interpretada por Manuela Azevedo, as vivências e as angústias que os quatro jovens experimentam em palco não destoam das que os adolescentes vivem na realidade durante esse período de transição.

"O tempo é um tecido cinzento que nos enrola", diz uma das canções da peça espelhando a sensação de um dos jovens descontente pela demora da passagem do tempo.

Diários escritos por adolescentes entre as décadas de 1970 e 2000, letras de canções, filmagens, entrevistas e audição de confissões de jovens sobre questões que os preocupam, e que os autores designaram por "confessionário", foram o ponto de partida para a peça num trabalho que se prolongou durante um ano e meio, como explicaram Inês Barahona e Miguel Fragata.

Questionado sobre como surgiu esta peça, Miguel Fragata disse ter resultado de conversas com o diretor do Teatro Nacional D. Maria II, Tiago Rodrigues, na sequência do trabalho anterior - "The wall" -- em que trabalharam a tensão entre o mundo das crianças e o dos adultos.

"Começou a surgir assim esta ideia de fazer um espetáculo sobre a adolescência e rapidamente surgiu a ideia de ser um espetáculo com música ao vivo, porque sentíamos que a música tinha uma importância muito grande", disse, acrescentando que depois surgiu a "ideia de pôr em diálogo a música e os diários", criando assim a ideia de "intimidade e a de palco".

Tiveram a coincidência de o diretor do D. Maria II lhes ter proposto conceberem um espetáculo para a sala Garrett que se centrasse na adolescência.

"Foi assim um casamento perfeito", disse Miguel Fragata, ao que Inês Fragata respondeu: "Não foi bem perfeito, porque nós dissemos que não trabalhávamos só para o público adolescente", sublinhando que "detestam gavetas" além de acharem "que ninguém deve ser pastor de ovelhas".

Foi então que devolveram a Tiago Rodrigues a ideia de "trabalhar qualquer coisa sobre a adolescência, para fazer o impossível que é misturar adolescentes com o público em geral", ressaltou Inês Barahona.

Uma das constatações curiosas da dupla que escreveu a peça é que os adolescentes de hoje continuam a ter as mesmas preocupações e angústias que pessoas mais velhas.

Responder à pergunta "Who am I?" ("quem sou eu", em inglês) com uma ideia de ajuste de contas e de agressividade ou passividade relativamente à família, sem perder a identificação muito forte com o grupo de pertença, tal como os adolescentes vivem, é assim matéria-prima que vai sendo desenvolvida ao longo do espetáculo.

Em "Montanha-russa", as questões permanecem as mesmas e têm a ver com a de descoberta, de vivência de algo pela primeira vez, bem como com uma ideia de ajuste de contas e da agressividade ou passividade relativamente à família.

Que é quase uma obsessão, por vezes, afirmou Inês Barahona.

Com dramaturgia de Inês Barahona e encenação de Miguel Fragata, que juntos formam a Formiga Atómica, "Montanha-russa" tem interpretação de Anabela Almeida, Carla Galvão, Miguel Fragata e Bernardo Lobo Faria.

A música original é de Helder Gonçalves, dos Clã, o movimento de Marta Silva, o desenho de som de Nelson Carvalho e o de luz de José Álvaro Correia.

Com cenografia de F. Ribeiro e figurino de José António Tenente, "Montanha-russa" vai estar em palco até 27 de março.